

# ponto virgulina

revista de tradução literária



VOL 0. DEZEMBRO DE 2018  
EDIÇÃO DE HOMENAGEM A GUILHERME IVO

# Índice

## *Tradução literária*

03      **SARTOR RESARTUS,  
de Thomas Carlyle**  
**Capítulo VIII: O Mundo  
Sem Roupas.**

*Tradução: Guilherme Ivo \**

08      **SARTOR RESARTUS,  
de Thomas Carlyle**  
**Chapter VIII: The World  
Out of Clothes.**

## *Homenagem*

13      **Em memória de  
Guilherme Ivo**

*André Nogueira*

Edição: Tomaz Amorim

Revisão: André Nogueira

Imagem da capa: "Five hands", de Roger Ballen  
em Asylum of the birds (2006).

---

# SARTOR RESARTUS, DE THOMAS CARLYLE

CAPÍTULO VIII: O MUNDO SEM ROUPAS.  
TRADUÇÃO: GUILHERME IVO

Se, na porção Descritivo-Histórica desse Volume, Teufelsdröckh, meramente discutindo o Werden (Origem e sucessiva Melhoria) das Roupas, impressionou muitos leitores, muito mais ele fará na porção Especulativo-Filosófica, que trata da Wirken delas, ou Influências. Foi primeiro aqui que o Editor sentiu a pressão de sua tarefa; pois aqui propriamente começa a mais elevada e nova Filosofia das Roupas: uma região todinha não provada, quase inconcebível, ou caos; aventurando-se nela, quão difícil, e todavia quão indizivelmente importante que é saber qual curso, de investigação e conquista, é o verdadeiro; onde a pisada é substância firme e irá nos suportar, onde é oco, ou mera névoa, que pode nos tragar! Teufelsdröckh se lança a nada menos que expôr as morais, políticas e até religiosas Influências das Roupas; ele se lança a tornar manifesta, em suas milidobradas acepções, essa grande Proposição de que os interesses terrenos do Homem “estão todos enganchados e abotoados juntos, e sustentados, por Roupas”. Ele diz isso com variadas palavras, “A Sociedade está fundada na Roupagem”; e de novo, “A Sociedade navega através da Infinitude de Roupas, como num Manto de Fausto, ou então como no Lençol de máculas e imáculas bestas no Sonho do Apóstolo; e sem esse Lençol e esse Manto afundaria em termináveis profundezas, ou se poria em limbos inanes, e em ambos os casos não seria.”

Por quais correntes ou, de fato, por quais tecidos infinitamente complexificados de Meditação esse grande Teorema é aqui desdobrado, e inumeráveis Corolários práticos são esboçados a partir daí, seria talvez de uma louca ambição tentar exibi-los. O método do nosso Professor não é, em todo caso, o da comum Lógica escolar, onde todas as verdades estão postas em fila, cada uma segurando as franjas da outra;

mas, na melhor das hipóteses, aquele da Razão prática, procedendo por largas Intuições sobre grupos e reinos sistemáticos inteiros; por onde, podemos dizer, uma nobre complexidade, quase a da Natureza, reina em sua Filosofia, ou espiritual Retrato da Natureza: um poderoso labirinto, e porém, como sussurros de fé, não sem um plano. Sim, reclamamos acima que certa complexidade ignóbil, que temos de chamar de confusão, era também discernível. Amiúde, também, temos de exclamar: Que dos Céus esses mesmos Documentos Biográficos tenham vindo! Pois parece que a demonstração muito reside na individualidade do Autor; como se fosse não Argumento o que o tivesse ensinado, mas Experiência. Presentemente é apenas em piscadelas locais, e por significantes fragmentos, amiúde catados em assaz largos intervalos do Volume original, e cuidadosamente colecionados, que esperamos repartir algum bosquejo ou prenúncio dessa Doutrina. Leitores de qualquer inteligência estão mais do que convidados a nos obsequiar com sua mais concentrada atenção: que eles e elas, após intensa consideração, e só até lá, se pronunciem. – Será que na beirada derradeira de nosso real horizonte não há de lençol nem o vulto de Terra; uma promessa de novas Ilhas Afortunadas, talvez Américas totalmente indescobertas, para tais e tais que tenham velas para navegar avante? – Como exórdio ao todo, aqui está a seguinte longa citação:

«Aos homens de giro especulativo», escreve Teufelsdröckh, «acometem temporadas, meditativas, doces e, todavia, horríveis horas, quando vos colocais em admiração e medo aquela questão irrespondível: Quem sou eu; a coisa capaz de dizer “eu” (das Wesen das sich Ich nennt)? O mundo, com seu ruidoso tráfico, se retira à distância; e através dos papéis pendurados, e das paredes de pedra, e dos tecidos expressamente dobrados do Comércio e da Polidez, e de todos os integumentos com ou sem vida (da Sociedade e de um Corpo), junto dos quais senta-se rodeada vossa Existência, – a vista alcança adentro do vazio Profundo e fica-se só com o Universo, e silenciosamente se comunga com ele, como uma misteriosa Presença com outra.

«Quem sou eu; o que é esse eu? Uma Voz, um Movimento, uma Aparição; – alguma Idéia incorporada, visualizada na Mente Eterna? Cogito ergo sum. Ai, pobre Cogitador, isso nos leva a muito pouco. É bem verdade, eu sou; e anteriormente não era: mas Onde? Como? Aonde? A resposta reside por aí, escrita em todas as cores e movimentos, proferida em todos os tons de jubileu e pranto, na milifigurada, milivozeada, harmoniosa Natureza: mas onde está o olho e ouvido sagazes aos quais o Apocalipse por Deus escrito concederá significação articulada? Sentamo-nos como numa Fantasmagoria sem-fronteiras, uma Gruta de Sonhos; sem-fronteiras porque a

---

mais desfalecida estrela, o mais remoto século, não reside nem mesmo perto da beira disso: sons e visões multi-coloridas meneiam em volta de nossos sentidos; mas Ele, o Indormitante, cuja obra são ambos o Sonho e o Sonhador, não vemos; exceto em raros momentos semi-acordados, mal suspeitamos. A Criação, alguém diz, reside diante de nós, como um glorioso Arco-Íris; mas o Sol que a fez reside atrás de nós, de nós oculto. Então, nesse Sonho estranho, como nos firmamos em sombras como se substâncias fossem; e dormimos o mais profundo imaginando-nos bem acordados! Quais dos seus Sistemas Filosóficos não passam de um teorema sonhado; um enredado quociente, confiantemente anunciado, onde divisor e dividendo são ambos desconhecidos? Todas as suas Guerras nacionais, com seus Recuos de Moscou, e sanguinárias Revoluções plenas de ódio, que é isto senão o Sonambulismo de agitados Dorminhocos? Este Sonhar, este Sonambulismo é o que na Terra chamamos de Vida; onde a maioria vaga, indubitavelmente, como se soubesse dizer a mão direita da esquerda; todavia sábios são apenas os que sabem que nada sabem.

«Pena que até agora toda Metafísica provou ser tão inexpressivamente improdutiva! O segredo do Ser do Homem continua igual a um segredo de Esfinge: um enigma que ele não pode desvendar; e nessa ignorância ele padece da morte, do pior tipo de morte, uma espiritual. O que são seus Axiomas, e Categorias, e Sistemas, e Aforismas? Palavras, palavras. Elevados Castelos-no-Ar são sagazmente construídos de Palavras, as Palavras outrossim bem assentadas em Morteiros-lógicos; onde, no entanto, Conhecimento algum se alojará. O todo é maior que a parte: quão excessivamente verdadeiro! A Natureza abomina o vácuo: quão excessivamente falso e calunioso! E de novo, Nada pode agir senão onde está: com todo meu coração; só que, onde isso está? Não seja escravo de Palavras: não está o Distante, o Desfalecido, enquanto o amo, o anseio e o lamento, Aqui, no sentido genuíno, verdadeiramente como o próprio chão em que me levanto? Mas esse mesmo onde, com seu irmão quando, são desde o início as cores mestras de nossa Gruta do Sonho; ou então, a Tela (seu urdume e sua trama) onde estão pintados todos os nossos Sonhos e Visões de Vida. Contudo, uma mais profunda meditação não ensinou a alguns, de cada clima e idade, que o onde e o quando, tão misteriosamente inseparáveis de todos os nossos pensamentos, são apenas terrestres adesões superficiais ao pensamento; que o Vidente pode discerni-las de onde se armam lá dos celestiais Todo-Onde [Everywhere] e Sempre: não conceberam todas as nações os seus Deuses como Onipresentes e Eternos; existindo num Aqui universal, um sempilongevo Agora? Pensai bem, também achareis que o Espaço é apenas um modo do nosso Sentido humano, e o mesmo com o Tempo: nós somos – não sabemos o quê; – fagulhas luzentes flutuando no éter da Deidade!

«De tal modo que este Mundo tão aparentemente sólido, afinal, fôsse só uma imagem airada, nosso Mim a única realidade; e a Natureza, com sua milidobrável produção e destruição, só o reflexo de nossa Força interiorizada, a “fantasia do nosso Sonho”; ou aquilo que o Espírito-Terra, no Fausto, nomeia de vivo Ornamento visível de Deus: –

“Nas enchentes do Ser, nos temporais da Ação,  
Caminho e trabalho, acima, abaixo,  
Trabalho e teço, ininfundável moção!  
Nascimento e Morte,  
Um oceano infinito;  
Um apossar-se e dar-se  
Do fogo do Viver:  
É assim que eu, do bramente Tear do Tempo, dobro  
E teço pra Deus o Ornamento pelo qual O vedes.”

Dos vinte milhões que já leram e arengaram esse trovoesco discurso do Erdgeist [Espírito da Terra], estão ainda aí, entre nós, vinte unidades que aprenderam o significado disso tudo?

«Foi num humor desses, em que baleado e exausto com tais elevadas especulações, que pela prima vez me veio a questão das Roupas. Bem estranho, e é o que me ataca, esse mesmo fato de existirem Alfaiates e Alfaiatados. O Cavalo que cavalgo tem toda uma própria sobre-costura: dispa-o de suas cilhas e fraldas e extravagantes penduricalhos que eu apertei em volta dele, e a nobre criatura é sua própria costureira e tecedora e fiandeira; mais, ele é seu próprio sapateiro, joalheiro, chapeleiro; livre ele trota pelos vales, com uma perene casaca cortesã à-prova-de-chuva em seu corpo; onde calor e facilidade de ajuste atingiram a perfeição; mais, as gracezas também foram consideradas, e as franjas e fímbrias, com alegre variedade de cor, finamente apensas, e sempre no lugar certo, não são faltantes. Enquanto eu – ó Céus! – me cobri por cima com tosa morta de ovelha, com casca de vegetais, as entranhas de vermes, couros de bois ou focas, o feltro de bestas peludas; e ando por aí feito um Biombo-de-Frangalhos móvel, entulhado de trapos e farrapos juntados do Açougue da Natureza, onde teriam apodrecido, para em mim apodrecerem mais lentamente! Dia após dia, devo novamente me cobrir; dia após dia, a desprezível coberta deve perder um pouco mais da película de sua espessura; algumas das películas, rasgadas pelo roçar e pelo usar, precisam ser varridas pra Lixeira, pra dentro do Monturo de Esterco; até que o todo seja gradualmente varrido pra lá, e eu, fazedor

de pó, Moedor-de-Ratos patenteado, consiga novo material para destriçar. Ó mais sutil dos brutos! vil! vil demais! E não tenho também eu uma compacta pele toda fechadinha, por mais branca e encardida? Sou eu, então, uma massa remendada com trapos de alfaiate e sapateiro, sarrafaçal; ou uma pequena Figura homogênea, articulada com firmeza, automática, melhor, viva?

«Bem estranho como essas criaturas do tipo humano fecham os olhos a fatos evidentes; e pela mera inércia do Esquecimento e Estupidez, vivem numa boa em meio a Maravilhas e Terores. Mas de fato o homem é, e sempre foi, um cabeção e broncudo; pronto demais para sentir e digerir do que pensar e ponderar. O Preconceito, que ele finge odiar, é seu legislador absoluto; o mero uso-e-costume o leva a toda parte pelo nariz; aí deixe só um Nascer do Sol, deixe uma Criação do Mundo acontecer pela segunda vez, e ele pára de ser maravilhoso, de ser digno de reparo e notável. Talvez nem mesmo uma só vez ocorra ao nosso bípede ordinário, de qualquer país ou geração, seja ele um Príncipe em ouro amantado ou um Camponês de gibão acastanhado, que suas Vestimentas e seu Si não sejam uma coisa só e indivisível; que ele esteja nu, sem vestimentas, até que compre ou roube algumas, premeditadamente as costurando e abotoando.

«De minha parte, estas considerações sobre nossas Roupas-cobertas, e como alcançando interiores do âmago de nosso coração isso nos alfaiata e desmoraliza, encheram-me de um certo horror por mim e pela humanidade; quase quando como se está de frente àquelas Vacas Holandesas, que vedes, na estação úmida, pastando deliberadamente com suas casacas e saiotes (de aniagem despida), nas pradarias de Gouda. Entretanto, há algo de grandioso no momento em que um homem pela primeira vez se despe de fortuitos embrulhos; e de fato vê que está nu e que é, como quer Swift, “um animal de escanchar forqueado com pernas arqueadas”; mas também um Espírito, e improporável Mistério dos Mistérios.»

~//~

# SARTOR RESARTUS, DE THOMAS CARLYLE

## CHAPTER VIII. THE WORLD OUT OF CLOTHES

If in the Descriptive–Historical portion of this Volume, Teufelsdröckh, discussing merely the Werden (Origin and successive Improvement) of Clothes, has astonished many a reader, much more will he in the Speculative–Philosophical portion, which treats of their Wirken, or Influences. It is here that the present Editor first feels the pressure of his task; for here properly the higher and new Philosophy of Clothes commences: all untried, almost inconceivable region, or chaos; in venturing upon which, how difficult, yet how unspeakably important is it to know what course, of survey and conquest, is the true one; where the footing is firm substance and will bear us, where it is hollow, or mere cloud, and may engulf us! Teufelsdröckh undertakes no less than to expound the moral, political, even religious Influences of Clothes; he undertakes to make manifest, in its thousand-fold bearings, this grand Proposition, that Man’s earthly interests “are all hooked and buttoned together, and held up, by Clothes.” He says in so many words, “Society is founded upon Cloth;” and again, “Society sails through the Infinitude on Cloth, as on a Faust’s Mantle, or rather like the Sheet of clean and unclean beasts in the Apostle’s Dream; and without such Sheet or Mantle, would sink to endless depths, or mount to inane limbos, and in either case be no more.”

By what chains, or indeed infinitely complected tissues, of Meditation this grand Theorem is here unfolded, and innumerable practical Corollaries are drawn therefrom, it were perhaps a mad ambition to attempt exhibiting. Our Professor’s method is not, in any case, that of common school Logic, where the truths all stand in a row, each holding by the skirts of the other; but at best that of practical Reason’ proceeding by

large Intuition over whole systematic groups and kingdoms; whereby, we might say, a noble complexity, almost like that of Nature, reigns in his Philosophy, or spiritual Picture of Nature: a mighty maze, yet, as faith whispers, not without a plan. Nay we complained above, that a certain ignoble complexity, what we must call mere confusion, was also discernible. Often, also, we have to exclaim: Would to Heaven those same Biographical Documents were come! For it seems as if the demonstration lay much in the Author's individuality; as if it were not Argument that had taught him, but Experience. At present it is only in local glimpses, and by significant fragments, picked often at wide-enough intervals from the original Volume, and carefully collated, that we can hope to impart some outline or foreshadow of this Doctrine. Readers of any intelligence are once more invited to favor us with their most concentrated attention: let these, after intense consideration, and not till then, pronounce, Whether on the utmost verge of our actual horizon there is not a looming as of Land; a promise of new Fortunate Islands, perhaps whole undiscovered Americas, for such as have canvas to sail thither? – As exordium to the whole, stand here the following long citation:—

“With men of a speculative turn,” writes Teufelsdröckh, “there come seasons, meditative, sweet, yet awful hours, when in wonder and fear you ask yourself that unanswerable question: Who am I; the thing that can say ‘I’ (das Wesen das sich ICH nennt)? The world, with its loud trafficking, retires into the distance; and, through the paper-hangings, and stonewalls, and thick-plied tissues of Commerce and Polity, and all the living and lifeless integuments (of Society and a Body), wherewith your Existence sits surrounded, – the sight reaches forth into the void Deep, and you are alone with the Universe, and silently commune with it, as one mysterious Presence with another.

“Who am I; what is this ME? A Voice, a Motion, an Appearance; – some embodied, visualized Idea in the Eternal Mind? Cogito, ergo sum. Alas, poor Cogitator, this takes us but a little way. Sure enough, I am; and lately was not: but Whence? How? Whereto? The answer lies around, written in all colors and motions, uttered in all tones of jubilee and wail, in thousand-figured, thousand-voiced, harmonious Nature: but where is the cunning eye and ear to whom that God-written Apocalypse will yield articulate meaning? We sit as in a boundless Phantasmagoria and Dream-grotto; boundless, for the faintest star, the remotest century, lies not even nearer the verge thereof: sounds and many-colored visions flit round our sense; but Him, the Unslumbering, whose work both Dream and Dreamer are, we see not; except in rare half-waking moments, suspect not. Creation, says one, lies before us, like a glorious

Rainbow; but the Sun that made it lies behind us, hidden from us. Then, in that strange Dream, how we clutch at shadows as if they were substances; and sleep deepest while fancying ourselves most awake! Which of your Philosophical Systems is other than a dream-theorem; a net quotient, confidently given out, where divisor and dividend are both unknown? What are all your national Wars, with their Moscow Retreats, and sanguinary hate-filled Revolutions, but the Somnambulism of uneasy Sleepers? This Dreaming, this Somnambulism is what we on Earth call Life; wherein the most indeed undoubtingly wander, as if they knew right hand from left; yet they only are wise who know that they know nothing.

“Pity that all Metaphysics had hitherto proved so inexpressibly unproductive! The secret of Man’s Being is still like the Sphinx’s secret: a riddle that he cannot rede; and for ignorance of which he suffers death, the worst death, a spiritual. What are your Axioms, and Categories, and Systems, and Aphorisms? Words, words. High Air-castles are cunningly built of Words, the Words well bedded also in good Logic-mortar; wherein, however, no Knowledge will come to lodge. The whole is greater than the part: how exceedingly true! Nature abhors a vacuum: how exceedingly false and calumnious! Again, Nothing can act but where it is: with all my heart; only, WHERE is it? Be not the slave of Words: is not the Distant, the Dead, while I love it, and long for it, and mourn for it, Here, in the genuine sense, as truly as the floor I stand on? But that same WHERE, with its brother WHEN, are from the first the master-colors of our Dream-grotto; say rather, the Canvas (the warp and woof thereof) whereon all our Dreams and Life-visions are painted. Nevertheless, has not a deeper meditation taught certain of every climate and age, that the WHERE and WHEN, so mysteriously inseparable from all our thoughts, are but superficial terrestrial adhesions to thought; that the Seer may discern them where they mount up out of the celestial EVERYWHERE and FOREVER: have not all nations conceived their God as Omnipresent and Eternal; as existing in a universal HERE, an everlasting Now? Think well, thou too wilt find that Space is but a mode of our human Sense, so likewise Time; there is no Space and no Time: WE are – we know not what; – light-sparkles floating in the ether of Deity!

“So that this so solid-seeming World, after all, were but an air-image, our ME the only reality: and Nature, with its thousand-fold production and destruction, but the reflex of our own inward Force, the ‘phantasy of our Dream;’ or what the Earth-Spirit in Faust names it, the living visible Garment of God:—

“In Being’s floods, in Action’s storm,  
I walk and work, above, beneath,  
Work and weave in endless motion!  
Birth and Death,  
An infinite ocean;  
A seizing and giving  
The fire of Living:  
’Tis thus at the roaring Loom of Time I ply,  
And weave for God the Garment thou seest Him by.’

Of twenty millions that have read and spouted this thunder-speech of the Erdgeist, are there yet twenty units of us that have learned the meaning thereof?

“It was in some such mood, when wearied and fordone with these high speculations, that I first came upon the question of Clothes. Strange enough, it strikes me, is this same fact of there being Tailors and Tailored. The Horse I ride has his own whole fell: strip him of the girths and flaps and extraneous tags I have fastened round him, and the noble creature is his own sempster and weaver and spinner; nay his own boot-maker, jeweller, and man-milliner; he bounds free through the valleys, with a perennial rain-proof court-suit on his body; wherein warmth and easiness of fit have reached perfection; nay, the graces also have been considered, and frills and fringes, with gay variety of color, featly appended, and ever in the right place, are not wanting. While I— good Heaven! — have thatched myself over with the dead fleeces of sheep, the bark of vegetables, the entrails of worms, the hides of oxen or seals, the felt of furred beasts; and walk abroad a moving Rag-screen, overheaped with shreds and tatters raked from the Charnel-house of Nature, where they would have rotted, to rot on me more slowly! Day after day, I must thatch myself anew; day after day, this despicable thatch must lose some film of its thickness; some film of it, frayed away by tear and wear, must be brushed off into the Ashpit, into the Laystall; till by degrees the whole has been brushed thither, and I, the dust-making, patent Rat-grinder, get new material to grind down. O subter-brutish! vile! most vile! For have not I too a compact all-enclosing Skin, whiter or dingier? Am I a botched mass of tailors’ and cobblers’ shreds, then; or a tightly articulated, homogeneous little Figure, automatic, nay alive?

“Strange enough how creatures of the human-kind shut their eyes to plainest facts; and by the mere inertia of Oblivion and Stupidity, live at ease in the midst of Wonders and Terrors. But indeed man is, and was always, a blockhead and dullard; much readier to feel and digest, than to think and consider. Prejudice, which he

absolute lawgiver; mere use-and-wont everywhere leads him by the nose; thus let but a Rising of the Sun, let but a Creation of the World happen twice, and it ceases to be marvellous, to be noteworthy, or noticeable. Perhaps not once in a lifetime does it occur to your ordinary biped, of any country or generation, be he gold-mantled Prince or russet-jerkined Peasant, that his Vestments and his Self are not one and indivisible; that he is naked, without vestments, till he buy or steal such, and by forethought sew and button them.

“For my own part, these considerations, of our Clothes-thatch, and how, reaching inwards even to our heart of hearts, it tailorizes and demoralizes us, fill me with a certain horror at myself and mankind; almost as one feels at those Dutch Cows, which, during the wet season, you see grazing deliberately with jackets and petticoats (of striped sacking), in the meadows of Gouda. Nevertheless there is something great in the moment when a man first strips himself of adventitious wrappages; and sees indeed that he is naked, and, as Swift has it, ‘a forked straddling animal with bandy legs;’ yet also a Spirit, and unutterable Mystery of Mysteries.”

~//~

# HOMENAGEM A GUILHERME IVO

ANDRÉ NOGUEIRA



Duende da biblioteca. Assim era o Ivo: um jovem belo, lord de um romance inglês limpando seu cachimbo, mas sobretudo duende da biblioteca: era como ele surgia, detrás de uma estante, saltando – só faltava a fumacinha – com um livro aberto na mão, sempre em disposição de ler um trecho (em qual língua dessa vez?) para seus amigos, às vezes até para desconhecidos, que encontrasse pelos corredores. Ainda ontem, ao andar pelos mesmos, tive a impressão de que o veria surgir novamente, e talvez haja uma fumacinha dele por aí, entre os tomos que um dia leu, entre as histórias que nos contou e, principalmente, nas páginas preenchidas em caderninhos com a estudada caligrafia em caneta tinteiro. É atrás desse lastro de fumaça que temos ido, nós amigos do Guilherme Ivo, depois de sua morte precoce aos vinte e nove anos de idade.

Para fazer do Guilherme alguém conhecido também de vocês, vou falar nesta apresentação, muito brevemente, sobre seu trabalho como tradutor. Guilherme Figueiredo dos Santos Ivo formou-se em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, onde defendeu em 2016, sob orientação do prof. Luiz Orlandi, seu trabalho de mestrado intitulado Entrelaçamentos de filosofia deleuziana e literatura anglo-americana, uma leitura de Henry James, Stephen Crane, Lawrence, Henry Miller entre outros, à luz das idéias estudadas por ele, junto ao Orlandi, na obra do filósofo francês Gilles Deleuze. Num ambiente árido como na Academia de Filosofia, Guilherme fez da literatura seu tema de interesse e fonte de conhecimento. Além disso, Ivo interessava-se pelo estudo de línguas, e dedicou-se à tradução de textos filosóficos e literários. Traduziu Dois Regimes de Loucos, coletânea de textos de Deleuze publicada pela Ed. 34 em 2016, e integrou o coletivo “GT Deleuze 12”, de tradutores deleuzianos, nos trabalhos para o livro Espinosa e os problemas da expressão, publicado pela mesma editora no ano seguinte. Trabalhou na tradução de textos filosóficos variados, por exemplo, O que é uma idéia (Quid sit idea), de Gottfried Wilhelm Leibniz, traduzido do latim, publicado na revista Modernos & Contemporâneos da Cemodacom Ifch-Unicamp (2017). Participou, também como tradutor, do livro Imagens-ocasiões, de Georges Didi-Huberman, publicado pela Foto Editorial em 2018.

Poderíamos citar outros trabalhos, e talvez mais alguns que não saibamos, publicados em livros ou revistas; não obstante, foram principalmente suas traduções literárias que ficaram dispersas, nos cadernos e caixas de e-mails dos amigos, nos diversos momentos de compartilhamento que hoje ficam apenas na memória. Aos poucos vamos recolhendo um pouco desse material. Nesta edição da Ponto Virgulina, como forma de homenagear o Guilherme, trazemos um capítulo do livro Sartor Resartus, do romancista escocês do séc. XIX Thomas Carlyle, espécie de romance-resenha de um livro imaginário de filosofia sobre roupas escrito por um filósofo alemão imaginário. Certa vez, ao compartilhar conosco esta sua tradução, Ivo disse: “É o primeiro resultado de um projeto de traduzir esse romance integralmente”.

Entre os projetos que deixou em aberto, Ivo mobilizou seus amigos de biblioteca, formando uma equipe de 16 tradutores e tradutoras, com uma coletânea de textos para traduzir de línguas diversas, todos com um mesmo tema: o pensamento sobre a sexualidade e suas lutas, contra a repressão das formas de ser e sentir. Essa idéia ficou apenas no esboço, e quem sabe seja realizada, algum dia, pelo empenho comum.

Resume tudo uma frase, dita no seu enterro pelo professor Orlandi: “Perdemos um pedaço de futuro!” É verdade, Ivo tinha muito o que realizar. Além das saudades pelos momentos vividos, fica o lamento pelo potencial interrompido; mas essa potência volta a viver, pela lembrança dos amigos, pela valorização de seu trabalho, e porque essa corrente elétrica, que perpassa as estantes da biblioteca, essa mesma fumacinha, movimenta-se de mente em mente, não se apagando jamais. E tal é o intuito desta publicação, o de manter acesa essa chama.

Guilherme era um bom camarada. Das qualidades que conhecemos nele como pessoa, as trocas de idéias e afetos que se estendiam pelas tardes em nossa vida estudantil, é pouco o espaço para falar aqui. A última vez que o encontrei foi na manifestação #EleNão, marchando pelas ruas de Campinas. Faleceu na véspera do primeiro turno eleitoral, em 6 de outubro de 2018.

Ivo, presente!